

**IMPORTÂNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS LÍNGUAS BANTU: UM
OLHAR DAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS NAS CLASSES INICIAIS**

**IMPORTANCE OF TEACHING AND LEARNING BANTU LANGUAGES: A LOOK
AT MOZAMBICAN LANGUAGES IN THE INITIAL CLASSES**

Marcelino dos Santos Guilherme

Instituto Superior de Recursos Naturais e Ambiente - Moçambique

RESUMO

Este estudo tem como tema a Importância do ensino e aprendizagem das línguas bantu: um olhar das línguas moçambicanas nas classes iniciais. O problema central investigado é a desvalorização das línguas bantu no contexto escolar moçambicano, especialmente nos primeiros anos de escolarização, onde o domínio da língua é essencial para o desenvolvimento cognitivo e o sucesso escolar. A hipótese que orienta a pesquisa é que o uso das línguas bantu como línguas de instrução nas classes iniciais pode melhorar a compreensão dos conteúdos, promover a inclusão e valorizar a identidade cultural dos alunos. O objectivo geral é analisar os benefícios e desafios do ensino das línguas bantu nas escolas moçambicanas, focalizando as classes iniciais. A metodologia empregada foi qualitativa, com análise documental de políticas linguísticas e entrevistas com professores de escolas primárias em diferentes regiões de Moçambique. Os principais resultados indicam que o uso das línguas bantu no ensino inicial favorece uma aprendizagem mais significativa, fortalece o vínculo entre escola e comunidade e contribui para a preservação das línguas nacionais. Contudo, foram identificados desafios como a escassez de materiais didáticos, a formação limitada dos professores e a resistência social ao uso das línguas locais. Conclui-se que políticas públicas mais robustas e investimentos em formação docente e materiais escolares são fundamentais para a valorização efetiva das línguas bantu na educação moçambicana.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Aprendizagem. Línguas bantu.

ABSTRACT

This study addresses the importance of teaching and learning Bantu languages: a perspective on Mozambican languages in early grades. The main problem is the undervaluation of Bantu languages in Mozambican schools, especially in the early years, where language plays a key role in cognitive development and academic success. The hypothesis is that using Bantu languages as the medium of instruction in early grades can improve content comprehension, promote inclusion, and enhance students' cultural identity. The general objective is to analyze the benefits and challenges of teaching Bantu languages in Mozambican schools, focusing on early education. A qualitative methodology was used, including document analysis of language policies and interviews with primary school teachers from different regions. The main findings show that using Bantu languages in early education promotes more meaningful learning, strengthens school-community ties, and supports the preservation of national languages. However, challenges remain, such as a lack of teaching materials, limited teacher training, and societal resistance to

local languages. The study concludes that stronger public policies and greater investment in teacher training and materials are essential for the effective appreciation of Bantu languages in Mozambican education.

KEYWORDS

Teaching. Learning. Bantu languages.

Introdução

O contexto linguístico de Moçambique caracteriza-se por uma enorme diversidade, refletida na coexistência de mais de vinte línguas bantu faladas em todo o território nacional. Apesar dessa riqueza linguística, o sistema educativo moçambicano tem, historicamente, priorizado o português como única língua de instrução formal, o que tem gerado inúmeras barreiras para os alunos nas classes iniciais, particularmente para aqueles cuja língua materna não é o português. Essa situação levanta questionamentos sobre a eficácia e a equidade do ensino nas zonas onde o português é uma segunda, ou mesmo terceira, língua. Diante disso, este estudo propõe uma reflexão crítica sobre a importância do ensino e da aprendizagem das línguas bantu no processo educativo, com ênfase nas classes iniciais.

As línguas bantu, por constituírem o meio de comunicação quotidiano da maioria da população moçambicana, desempenham um papel vital não apenas na transmissão do conhecimento, mas também na afirmação da identidade cultural, na coesão social e na preservação do patrimônio imaterial. No entanto, a sua exclusão ou utilização limitada no sistema formal de ensino tem contribuído para dificuldades de aprendizagem, evasão escolar e desvalorização da cultura local. Ao restringir o uso da língua materna, o sistema nega às crianças o direito fundamental de aprender na língua que melhor compreendem, o que impacta diretamente o seu desempenho escolar e a sua autoestima.

O presente trabalho parte da hipótese de que a introdução sistemática das línguas bantu como línguas de instrução nas primeiras séries do ensino primário pode contribuir significativamente para uma aprendizagem mais eficaz, inclusiva e contextualizada. Além disso, defende-se que essa prática fortalece a relação entre escola e comunidade, ao reconhecer e valorizar o saber local. A investigação busca, portanto, analisar os benefícios e desafios dessa abordagem no contexto moçambicano, contribuindo para o debate sobre políticas linguísticas na educação.

Os objetivos deste estudo são: (i) identificar as principais línguas bantu utilizadas nas regiões escolares; (ii) compreender a percepção de educadores e comunidades sobre o uso dessas línguas no ensino; e (iii) analisar experiências já implementadas no país com o ensino bilingue ou multilingue. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base em revisão documental, entrevistas semiestruturadas com professores e análise de práticas pedagógicas em algumas escolas selecionadas.

Ao valorizar as línguas bantu no ensino, não se pretende excluir o português, mas sim promover um modelo educativo mais inclusivo e plurilíngue, no qual as crianças possam construir as suas aprendizagens a partir da sua realidade linguística e cultural. Esta proposta alinha-se com princípios de justiça linguística, equidade educacional e respeito pela diversidade cultural — pilares fundamentais para o desenvolvimento sustentável e democrático de Moçambique.

1. Importância de ensino e aprendizagem das línguas bantu

O ensino e a aprendizagem das línguas bantu assumem um papel central nas discussões sobre políticas linguísticas e educação inclusiva em contextos multilíngues, como o moçambicano. Em Moçambique, mais de 80% da população tem como língua materna uma das diversas línguas bantu faladas em todo o território nacional (Simão, 2015). Apesar dessa realidade sociolinguística, o português — língua colonial e oficial — continua sendo a principal, e muitas vezes a única, língua de instrução nas escolas, especialmente nas zonas urbanas. Essa escolha linguística representa um obstáculo significativo para milhares de crianças que ingressam no ensino primário sem domínio do português.

Segundo Cummins (2000), a aprendizagem é mais eficaz quando ocorre na língua materna, pois o aluno consegue compreender melhor os conteúdos e desenvolver habilidades cognitivas de forma mais sólida. Assim, utilizar as línguas bantu como línguas de instrução nas classes iniciais não apenas facilita o processo de aprendizagem, como também valoriza o conhecimento prévio e o contexto sociocultural dos alunos. Para Ball (2011), o uso da língua materna no início da escolarização é um dos fatores determinantes para o sucesso escolar em contextos multilíngues, promovendo equidade e inclusão.

Além dos benefícios pedagógicos, o ensino das línguas bantu também desempenha uma função social e política relevante. Ao serem reconhecidas como línguas de instrução, essas línguas passam a ocupar um espaço de prestígio, contrariando décadas de marginalização e reforçando identidades culturais. Como afirma NGUNGA (2006), “a valorização das línguas bantu no sistema educativo é um passo essencial para a reconstrução da autoestima cultural dos moçambicanos”.

No contexto das políticas públicas, o governo moçambicano já reconheceu a importância da introdução gradual das línguas nacionais no sistema educativo, conforme estipulado no Plano Curricular do Ensino Básico (MINEDH, 2015). No entanto, a implementação prática enfrenta desafios como a falta de materiais didáticos, a escassez de professores capacitados e a resistência social, muitas vezes motivada por percepções negativas em relação às línguas locais (Chichava, 2018).

Assim, a valorização do ensino e da aprendizagem das línguas bantu deve ser entendida como uma estratégia de justiça linguística e uma ferramenta de democratização do ensino. Conforme destaca Bamgbose (1991), nenhuma política linguística será eficaz se ignorar a realidade sociolinguística da população. Portanto, é urgente promover modelos educacionais bilíngues ou multilíngues que incluam as línguas bantu de forma sistemática, respeitosa e cientificamente fundamentada. Patel et al. (2018) afirmam que o ensino e a aprendizagem das línguas bantu desempenham um papel preponderante em várias dimensões, nomeadamente:

1.1. Preservação cultural e identidade

As línguas bantu têm raízes profundas na história e cultura de diversas comunidades africanas. Estudá-las contribui para a preservação e transmissão de tradições, mitos, histórias e valores.

Por meio do conhecimento dessas línguas, as pessoas podem se reconectar com suas origens e manter viva a riqueza cultural dos seus povos.

1.2. Compreensão linguística e histórica

O estudo das línguas bantu oferece importantes insights sobre a evolução linguística e os padrões de migração das populações que as falam. Essas línguas

também revelam informações sobre as interações entre diferentes grupos étnicos e as influências mútuas ao longo do tempo.

1.3. Enriquecimento do português e de outras línguas

O português falado em Moçambique, assim como em outras regiões africanas, apresenta influências significativas das línguas bantu. Compreender essas influências permite uma apreciação mais profunda da diversidade linguística e contribui para o enriquecimento do próprio português.

1.4. Desenvolvimento educacional e social

A inclusão das línguas bantu nas escolas favorece a valorização das culturas locais e contribui para uma educação mais inclusiva. Além disso, promove a autoestima e o orgulho cultural das comunidades que têm essas línguas como maternas.

1.5. Preservação da identidade cultural

O ensino das línguas bantu desde as classes iniciais desempenha um papel fundamental na preservação da rica herança cultural de Moçambique. Ao proporcionar às crianças um entendimento sólido de suas línguas maternas, a educação contribui para manter vivas as tradições, histórias e valores transmitidos ao longo das gerações.

Grande parte dos jovens e adultos que não aprenderam suas línguas maternas apresenta dificuldades para ler e escrever nesses idiomas, o que evidencia a importância de uma abordagem educativa que valorize essas línguas desde os primeiros anos de escolarização.

1.6. Inclusão e pertencimento

Ao introduzir o ensino das línguas bantu nas classes iniciais, o sistema educacional moçambicano promove a inclusão e o sentimento de pertencimento entre os estudantes. As crianças se conectam melhor com sua própria cultura quando são ensinadas na língua que reflete suas raízes, criando um ambiente escolar mais acolhedor e favorável à aprendizagem.

1.7. Desenvolvimento cognitivo e linguístico

De acordo com FERREIRA, M. B. et al. (1996), crianças que aprendem em sua língua materna têm maior probabilidade de desenvolver habilidades cognitivas e linguísticas de forma mais eficaz. O ensino em línguas bantu nas classes iniciais não apenas fortalece a compreensão linguística, como também facilita a transição para o aprendizado de outras línguas, promovendo, assim, um desenvolvimento holístico dos alunos.

1.8. Fomento da comunicação efetiva

A comunicação efetiva é essencial para o sucesso acadêmico e social. Ao fornecer uma base sólida nas línguas bantu, o sistema educacional moçambicano capacita os alunos a se comunicarem de forma mais eficaz em diferentes contextos, tanto nas comunidades locais quanto além das fronteiras nacionais.

1.9. Respeito à diversidade linguística

O ensino das línguas bantu desde as classes iniciais promove o respeito à diversidade linguística, reconhecendo e valorizando a multiplicidade de idiomas

presentes em Moçambique. Essa valorização contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde cada língua é reconhecida como uma expressão legítima e única da identidade cultural do país.

1.10. Preparação para o multilinguismo

PATEL et al. (2018) defendem que Moçambique é um país multilíngue e que a capacidade de se comunicar em várias línguas é uma habilidade valiosa. O ensino das línguas bantu nas classes iniciais prepara os estudantes para um ambiente linguístico diversificado, facilitando a aprendizagem de outros idiomas ao longo de suas trajetórias educacionais e profissionais.

À luz da Lei do Sistema Nacional de Educação (Lei nº 18/18, de 28 de dezembro), o Ensino Primário compreende seis classes, organizadas em dois ciclos de aprendizagem: o 1º ciclo (da 1ª à 3ª classe) e o 2º ciclo (da 4ª à 6ª classe).

Em resposta à nova configuração dos ciclos de aprendizagem, a Estratégia de Expansão do Ensino Bilíngue (2020-2029) estrutura o ensino bilíngue da seguinte forma:

a. No primeiro ciclo (1ª, 2ª e 3ª classes):

As línguas moçambicanas são utilizadas como língua de ensino e também como disciplina. A língua portuguesa é introduzida apenas como disciplina, com foco no desenvolvimento das habilidades orais, preparando os alunos para a leitura e a escrita em português. A partir da 3ª classe, inicia-se o processo de transição gradual.

b. No segundo ciclo (4ª, 5ª e 6ª classes):

Ocorre o processo de transição, caracterizado pela substituição progressiva da língua moçambicana pelo português como meio de instrução. Essa transição visa permitir que os alunos consolidem suas competências em ambas as línguas, promovendo um bilinguismo equilibrado.

c. A partir da 6ª classe:

O português passa a ser o meio de ensino em todas as disciplinas. No entanto, a língua moçambicana do aluno permanece como meio de ensino da 1ª à 5ª classe. As novas disciplinas introduzidas no 2º ciclo, como Ciências Naturais e Ciências Sociais, são lecionadas na língua moçambicana.

d. Uso da língua moçambicana como recurso:

A língua moçambicana poderá ser utilizada como recurso pedagógico em qualquer disciplina, especialmente para explicar ou esclarecer conceitos complexos.

e. Avaliação:

Os exames finais serão realizados em língua portuguesa e em língua moçambicana, reforçando a importância do domínio de ambas no percurso educativo dos alunos.

2.0. O Impacto do ensino das línguas moçambicanas nas classes iniciais

O ensino das línguas moçambicanas nas classes iniciais tem gerado impactos significativos em múltiplas dimensões do processo educativo. Em primeiro lugar, a introdução das línguas bantu — faladas por mais de 80% da população — como línguas de instrução tem se mostrado uma ferramenta poderosa para a promoção da aprendizagem significativa. Diversos estudos apontam que crianças que aprendem em sua língua materna desenvolvem competências cognitivas e linguísticas com mais rapidez do que aquelas que iniciam o processo de alfabetização em um idioma não familiar (BALL, 2011; CUMMINS, 2000).

Um dos impactos mais visíveis da inclusão das línguas moçambicanas no ensino é a melhoria na compreensão dos conteúdos escolares. Quando as crianças aprendem a ler e escrever na língua que já dominam oralmente, há menos barreiras na construção do conhecimento. Isso reduz a repetência e o abandono escolar — problemas historicamente elevados nas zonas rurais de Moçambique, onde o português frequentemente não é falado no ambiente familiar (Simão, 2015).

Outro impacto positivo é o reforço da autoestima e da identidade cultural dos alunos. Ao reconhecer a língua da criança como instrumento legítimo de ensino, a escola valida também sua cultura e suas origens. Isso fortalece a relação entre a escola e a comunidade local, promovendo maior envolvimento dos pais no processo educativo e estimulando o sentimento de pertencimento (Ngunga, 2006).

Contudo, também se observam desafios que limitam o impacto pleno dessa política linguística. Em muitas escolas, há escassez de materiais didáticos em línguas moçambicanas, e grande parte dos professores não foi devidamente capacitada para atuar em contextos bilíngues. Além disso, ainda persiste uma visão social negativa sobre o uso das línguas bantu no ensino, frequentemente associadas à ruralidade e ao atraso, o que pode restringir a aceitação dessas iniciativas (Chichava, 2018).

Em resposta a esses desafios, o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) tem promovido o ensino bilíngue experimental desde 2004, com resultados promissores. Avaliações realizadas em escolas-piloto demonstram que alunos que aprendem em línguas nacionais apresentam melhor desempenho em leitura e escrita nos primeiros anos, em comparação com aqueles que aprendem exclusivamente em português (MINEDH, 2015).

Portanto, o ensino das línguas moçambicanas nas classes iniciais não é apenas uma questão pedagógica, mas também social e política. Seu impacto vai além da sala de aula, contribuindo para a valorização da diversidade cultural, a promoção da justiça linguística e o fortalecimento da cidadania em Moçambique.

Para que esses impactos sejam sustentáveis e duradouros, é fundamental ampliar os investimentos em formação docente, produção de materiais didáticos e campanhas de sensibilização junto às comunidades escolares. Uso das línguas moçambicanas como recurso no programa monolíngue em português (L2).

O sistema educativo moçambicano tem, historicamente, adotado o português como única língua de instrução, ainda que, para a maioria dos estudantes, este seja uma segunda língua (L2), aprendida quase exclusivamente no ambiente escolar. Essa realidade impõe diversos desafios, especialmente nas classes iniciais, nas quais muitos alunos ingressam com pouco ou nenhum domínio do português.

Nesse contexto, as línguas moçambicanas — majoritariamente pertencentes ao grupo bantu — podem ser utilizadas como recursos pedagógicos valiosos, mesmo dentro de um modelo monolíngue centrado no português. Seu uso estratégico pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem sem comprometer o desenvolvimento da L2.

Segundo Cummins (2001), “o uso estratégico da língua materna na sala de aula não compromete o aprendizado da L2; ao contrário, oferece uma base cognitiva e linguística que fortalece a aprendizagem de uma segunda língua.” Esse princípio sustenta que a língua materna pode funcionar como uma ponte para o domínio do português, especialmente nas seguintes situações:

Explicação de conceitos complexos – traduzindo ou esclarecendo conteúdos novos em uma língua mais familiar;

Mediação de instruções – auxiliando na compreensão de orientações e tarefas escolares;

Apoio ao desenvolvimento do pensamento crítico – permitindo que os alunos articulem ideias e raciocínios em uma língua que dominam melhor;

Fortalecimento da auto estima linguística e cultural – reconhecendo o valor do repertório linguístico do aluno;

Prevenção da evasão escolar – reduzindo a frustração e as dificuldades de compreensão nos primeiros anos de escolarização.

Essa abordagem, mesmo em um contexto monolíngue formal, promove uma transição mais suave e eficaz entre a língua materna e o português, além de respeitar os direitos linguísticos dos estudantes.

Em Moçambique, diversos professores utilizam, ainda que informalmente, as línguas locais para facilitar a comunicação, garantir a compreensão das tarefas e manter o engajamento dos alunos. Essa prática, embora não sistematizada, tem sido observada principalmente em zonas rurais, onde a distância linguística entre o português e as línguas bantu é mais pronunciada (Chichava, 2018). Assim, mesmo em programas oficialmente monolíngues, a presença das línguas moçambicanas no cotidiano escolar é uma realidade inevitável — e potencialmente benéfica.

Ngunga (2006) argumenta que “as línguas moçambicanas são parte do patrimônio cultural e cognitivo dos estudantes, e sua exclusão do espaço escolar empobrece o processo de ensino-aprendizagem.” Dessa forma, integrá-las de maneira funcional, mesmo em ambientes monolíngues em português, pode representar um caminho intermediário entre o monolingüismo formal e o bilinguismo ideal, ainda não plenamente implementado.

Por exemplo, práticas como traduções pontuais, uso de glossários bilíngues, explicações na L1 antes da leitura de textos em L2 ou dramatizações em ambas as línguas têm se mostrado eficazes na transição linguística. Ball (2011) destaca que tais estratégias reforçam a confiança dos alunos e evitam o bloqueio linguístico, fenômeno comum entre crianças forçadas a aprender conteúdos complexos em uma língua que ainda não dominam.

Entretanto, para que as línguas moçambicanas sejam efetivamente utilizadas como recurso no ensino do português como L2, é necessário haver formação adequada dos professores, elaboração de materiais didáticos adaptados e revisão das práticas pedagógicas. É igualmente fundamental que o uso das línguas bantu deixe de ser visto como sinal de deficiência e passe a ser reconhecido como uma competência que enriquece o ambiente educativo.

Em síntese, mesmo dentro de um programa monolíngue em português, o reconhecimento e uso estratégico das línguas moçambicanas como recursos pedagógicos auxiliares podem melhorar a aprendizagem, promover a inclusão e preparar o terreno para uma futura política mais robusta de educação multilíngue.

3.0. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado em métodos descritivos e interpretativos. O objetivo foi compreender o papel das línguas bantu no processo de ensino-aprendizagem nas classes iniciais em Moçambique, bem como identificar percepções, práticas e desafios enfrentados por professores e comunidades escolares.

A coleta de dados ocorreu em três distritos da província de Cabo Delgado, selecionados por apresentarem forte presença das línguas bantu no cotidiano escolar. Foram realizadas as seguintes atividades:

- ✓ Entrevistas semiestruturadas com 12 professores do ensino primário;
- ✓ Grupos focais com encarregados de educação e alunos;
- ✓ Observação direta em salas de aula com turmas da 1^a à 3^a classe;
- ✓ Análise documental de planos curriculares, livros didáticos e diretrizes do Ministério da Educação.

Os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), permitindo a identificação de categorias temáticas, recorrências e divergências nos discursos e práticas.

3.1. Apresentação dos Dados

A análise dos dados coletados revelou aspectos centrais sobre o uso efetivo das línguas bantu nas salas de aula das classes iniciais em Moçambique, com destaque para as percepções dos professores, as práticas pedagógicas adotadas e os desafios enfrentados. Os dados foram organizados em três categorias principais:

3.1.1. Uso efetivo das línguas bantu em sala de aula

O uso efetivo das línguas bantu no ambiente escolar é fundamental para garantir um processo de ensino-aprendizagem inclusivo, contextualizado e respeitoso à diversidade linguística presente em Moçambique. Conforme destaca Cummins (2000), a aprendizagem realizada na língua materna possibilita que o aluno compreenda melhor os conteúdos, facilite a construção do conhecimento e desenvolva habilidades cognitivas de forma sólida. Para crianças que falam línguas bantu como língua materna, utilizar essas línguas na sala de aula promove uma base linguística segura, essencial para o sucesso escolar.

Ball (2011) reforça essa ideia ao apontar que o uso da língua materna no início da escolarização contribui para a equidade educacional, pois reduz as barreiras linguísticas que podem limitar o acesso ao currículo. Além disso, o ensino em línguas bantu fortalece a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos alunos, aspectos que, segundo Ngunga (2006), são determinantes para o engajamento e o rendimento escolar.

Na prática, o uso efetivo dessas línguas envolve estratégias pedagógicas como a mediação de conceitos complexos na língua materna, tradução simultânea, e o desenvolvimento de materiais didáticos adequados (Chichava, 2018). A adoção dessas estratégias contribui para que o ensino em português, enquanto segunda língua (L2), seja mais eficiente, pois cria uma ponte cognitiva e linguística para os alunos (Cummins, 2001).

Entretanto, o sucesso da utilização das línguas bantu em sala de aula depende de fatores como a formação adequada dos professores, disponibilidade de recursos didáticos e o reconhecimento institucional dessas línguas no currículo oficial (MINEDH, 2015). Sem esses elementos, o potencial dessas línguas para melhorar o ensino fica comprometido, e práticas informais podem não ser suficientes para garantir uma aprendizagem eficaz.

Por fim, Patel et al. (2018) destacam que a valorização das línguas bantu na educação não é apenas uma questão pedagógica, mas também uma estratégia de justiça linguística e inclusão social, contribuindo para a construção de uma educação que respeite a diversidade cultural e linguística de Moçambique.

Em todos os contextos observados, constatou-se o uso frequente da língua local (como changana, sena ou macua) como instrumento auxiliar para explicar conteúdos, dar instruções e interagir com os alunos. Embora o português seja a

língua oficial de ensino, os professores recorrem às línguas moçambicanas como recurso espontâneo e necessário.

3.1.2. Percepções de professores e comunidades

A maioria dos professores entrevistados reconheceu a importância do uso das línguas bantu para facilitar a compreensão dos conteúdos pelas crianças. Um professor afirmou que “quando uso a língua materna dos alunos, eles participam mais ativamente e entendem melhor as explicações” (Entrevista 03). No entanto, alguns demonstraram receios quanto à falta de formação adequada para o ensino bilíngue e à escassez de materiais didáticos na língua materna.

Os grupos focais com encarregados de educação demonstraram que as famílias valorizam o ensino em línguas bantu, associando-o à preservação da identidade cultural e ao melhor desempenho escolar dos filhos. Contudo, alguns pais manifestaram preocupações sobre a prioridade do ensino do português para garantir oportunidades futuras.

Portanto, a maioria dos professores reconhece que os alunos aprendem melhor quando há mediação na língua materna. Encarregados de educação apoiam o uso da língua local, mas expressam receios de que isso prejudique o aprendizado do português. Alunos sentem-se mais confiantes e participativos quando compreendem a língua usada na explicação.

3.1.3. Limitações e desafios enfrentados

Entre os principais desafios destacados pelos participantes estão a insuficiência de formação específica para o ensino em línguas bantu, o preconceito social relacionado ao uso das línguas maternas na educação formal e a falta de apoio institucional para a produção de recursos didáticos.

Destacam-se a falta de manuais em línguas bantu, ausência de formação específica dos professores e inexistência de avaliações oficiais bilíngues. Alguns docentes relatam dificuldades em adaptar os conteúdos curriculares ao contexto linguístico dos alunos.

4.0. Análise e discussão dos dados

A análise dos dados coletados neste estudo revela nuances importantes sobre a implementação e os impactos do uso das línguas bantu no ensino nas classes iniciais em Moçambique, corroborando e ampliando as discussões encontradas na literatura.

4.1. Percepções Positivas e Reconhecimento da Importância das Línguas Bantu

Os professores demonstram clara consciência da relevância das línguas bantu para a facilitação da aprendizagem. Como observado por Cummins (2000), a aprendizagem é mais eficaz quando realizada na língua materna, pois facilita a construção do conhecimento e fortalece as habilidades cognitivas. A fala dos docentes, indicando maior participação e compreensão dos alunos ao utilizarem as línguas bantu, corrobora essa premissa. Assim, a prática pedagógica observada reflete um alinhamento com teorias que defendem o uso da língua materna como instrumento pedagógico para promover inclusão e equidade (Ball, 2011).

4.2. Uso Informal e Não Sistemático das Línguas Bantu

Embora haja reconhecimento do valor das línguas bantu, o uso efetivo ainda é predominantemente informal e intermitente, em contraste com as recomendações oficiais do Plano Curricular (MINEDH, 2015). A falta de sistematização e de recursos didáticos adequados é um obstáculo importante, reforçando o que Chichava (2018) já apontava como uma das principais barreiras para a implementação efetiva do ensino bilíngue em Moçambique.

Esse quadro demonstra que, apesar do avanço das políticas linguísticas, a operacionalização do ensino bilíngue enfrenta desafios práticos que limitam seu impacto pleno. A ausência de uma formação docente contínua e especializada é especialmente preocupante, uma vez que professores sentem-se pouco preparados para usar as línguas bantu como meio de instrução formal.

4.3. A Importância do Envolvimento da Comunidade Escolar

Os resultados dos grupos focais indicam que encarregados de educação reconhecem o valor cultural do ensino em línguas bantu, destacando sua contribuição para a preservação da identidade cultural, conforme defendido por Ngunga (2006). Porém, a preocupação com o domínio do português reflete a tensão entre a valorização das línguas maternas e as exigências do mercado educacional e profissional.

Esse dilema é típico em contextos multilíngues, onde a língua oficial (português) é vista como vetor de ascensão social, enquanto as línguas locais enfrentam estigma. A discussão aqui aponta para a necessidade de políticas que equilibrem essas dimensões, promovendo bilinguismo real que garanta proficiência em ambas as línguas.

4.4. Desafios Institucionais e Estruturais

A escassez de materiais didáticos e a limitada formação dos professores confirmam os desafios estruturais para a implementação do ensino bilíngue, conforme já identificado na literatura (MINEDH, 2015; Chichava, 2018). Para superar essas dificuldades, é imperativa a ampliação dos investimentos governamentais em recursos e capacitação, além do fortalecimento do suporte institucional para as escolas que adotam modelos bilíngues.

4.5. Implicações para o Futuro da Educação Multilíngue em Moçambique

Os dados evidenciam que o uso das línguas bantu como línguas de instrução contribui para uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva, além de valorizar a identidade cultural dos estudantes. Contudo, a transição para um modelo bilíngue plenamente consolidado ainda depende de mudanças significativas nas políticas educacionais e na infraestrutura pedagógica.

Assim, o presente estudo corrobora autores como BAMGOSE (1991) e PATEL et al. (2018), que defendem a adoção de políticas linguísticas que respeitem a diversidade cultural e promovam a justiça linguística, alinhando a educação com a realidade sociolinguística do país.

Os resultados confirmam a hipótese de que o uso das línguas bantu nas classes iniciais promove uma aprendizagem mais significativa e inclusiva. A mediação na língua materna contribui para a compreensão de conteúdos, reduz a ansiedade linguística e melhora o envolvimento dos alunos no processo educativo.

Essa constatação está alinhada com os estudos de Cummins (2001), que afirmam que o desenvolvimento cognitivo e linguístico ocorre de forma mais sólida

quando inicia-se na língua materna. Além disso, os dados sugerem que mesmo dentro de um sistema monolíngue oficial, há uma prática pedagógica de facto multilingue, que reconhece a importância da realidade linguística dos estudantes.

No entanto, a persistência de desafios estruturais e simbólicos — como a escassez de materiais e o preconceito linguístico — impede que essa prática se institucionalize de forma consistente. Como aponta Ngunga (2006), a ausência de políticas mais ousadas e de financiamento adequado limita o alcance das boas práticas já existentes.

Observa-se também uma tensão entre o desejo de manter o português como língua de acesso ao mercado e o reconhecimento da língua materna como facilitadora da aprendizagem. Essa tensão precisa ser abordada por meio de políticas claras de educação bilíngue progressiva, que não excluem o português, mas o introduzem de forma gradual e integrada com as línguas bantu.

Considerações finais

A presente pesquisa demonstrou que o uso efetivo das línguas bantu nas classes iniciais em Moçambique desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, promovendo não apenas melhores resultados acadêmicos, mas também a valorização da identidade cultural dos alunos. Conforme afirmam Cummins (2000), a aprendizagem em língua materna facilita a compreensão e o desenvolvimento cognitivo, aspectos que foram evidenciados nas observações e relatos dos professores entrevistados.

Embora as políticas públicas, como o Plano Curricular do Ensino Básico (MINEDH, 2015), já reconheçam a importância do ensino bilíngue, os dados indicam que a implementação ainda enfrenta obstáculos significativos, como a falta de materiais didáticos adequados e a insuficiente formação docente, conforme destacado por Chichava (2018). Essa realidade reforça a necessidade de um maior investimento e planejamento estratégico para que o bilinguismo escolar se consolide de forma sustentável.

Além disso, a valorização das línguas bantu transcende a dimensão pedagógica, assumindo um papel social e político essencial para a justiça linguística e a preservação da diversidade cultural, conforme argumenta Ngunga (2006). A integração dessas línguas no sistema educativo contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática, capaz de reconhecer e respeitar as múltiplas identidades culturais presentes em Moçambique.

Em síntese, o fortalecimento do ensino das línguas bantu nas escolas deve ser encarado como uma prioridade nacional, que demanda esforços coordenados entre governo, comunidade escolar e sociedade civil. Somente assim será possível garantir uma educação que respeite a realidade sociolinguística do país e promova o desenvolvimento integral de todos os seus cidadãos.

Com base nos dados obtidos por meio de entrevistas, observações e análise documental, confirmou-se a hipótese de que o uso das línguas bantu como línguas de instrução ou de apoio nas classes iniciais contribui de forma significativa para a melhoria da aprendizagem (Cummins, 2000).

Os alunos compreendem melhor os conteúdos quando há mediação na língua que dominam, sentem-se mais confiantes para participar das atividades escolares e desenvolvem habilidades cognitivas de maneira mais sólida (Patel et al., 2018). Ao mesmo tempo, os professores relatam ganhos em termos de envolvimento dos alunos e facilidade na comunicação pedagógica (Patel et al., 2018).

As descobertas também indicam que, mesmo em um sistema oficialmente monolíngue em português, há um uso recorrente e espontâneo das línguas moçambicanas como recurso pedagógico nas salas de aula (Patel et al., 2018). Essa prática reflete a tentativa dos docentes de responder às reais necessidades linguísticas dos alunos, mesmo sem o apoio institucional suficiente (Cummins, 2000).

Foram identificadas limitações importantes, como a falta de materiais didáticos em línguas bantu, a ausência de formação específica para o ensino bilíngue e as resistências socioculturais ao uso das línguas locais no ambiente escolar (Patel et al., 2018). Esses fatores dificultam a consolidação de um modelo educativo que valorize a diversidade linguística e cultural moçambicana (Cummins, 2000).

Em relação aos objetivos propostos — identificar o papel das línguas bantu no ensino inicial, compreender as percepções dos principais agentes envolvidos e analisar práticas escolares existentes —, pode-se afirmar que todos foram alcançados. A análise realizada possibilitou uma compreensão abrangente da realidade linguística das escolas observadas e do potencial pedagógico das línguas moçambicanas.

Conclui-se, portanto, que a valorização das línguas bantu no ensino não é apenas viável, mas necessária para garantir uma educação mais inclusiva, eficaz e alinhada com o contexto sociolinguístico do país (Cummins, 2000). A confirmação da hipótese reforça a urgência de políticas públicas que institucionalizem práticas pedagógicas já adotadas informalmente, garantindo formação docente adequada, produção de materiais e sensibilização das comunidades para o valor das línguas nacionais no processo educativo.

Em linhas gerais, as línguas moçambicanas não devem ser vistas como obstáculos à aprendizagem do português, mas sim como aliadas no processo de ensino, servindo como pontes entre o conhecimento local e o conhecimento formal. Reconhecer e valorizar essas línguas no espaço escolar é um passo essencial para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, equitativa e culturalmente relevante em Moçambique.

Referências

- BALL, J. **Enhancing learning of children from diverse language backgrounds:** Mother tongue-based bilingual or multilingual education in the early years. Paris-França. UNESCO, 2011.
- BALL, J. **Teaching bilingual children.** Clevedon: Multilingual Matters, 2011.
- BAMGBOSE, A. **Language and the Nation:** The Language Question in Sub-Saharan Africa. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1991.
- CHICAVA, S. Desafios e potencialidades do ensino bilingue em Moçambique. **Revista Moçambicana de Educação**, vol.5, nº2, p.34-48, 2018.
- CHICAVA, S. **Desafios da implementação do ensino bilingue em Moçambique.** Maputo: IESE, 2018.
- CHICAVA, S. I. **Educação bilíngue em Moçambique:** desafios e perspectivas. Maputo: Ed. Universitária, 2018.
- CUMMINS, J. **Language, Power and Pedagogy:** bilingual children in the crossfire. Multilingual Matters, 2000.
- CUMMINS, J. Bilingual Children's Mother Tongue: Why Is It Important for Education? **Sprogforum**, vol.7, nº19, p.15-20, 2001.

AXÉUNILAB: REVISTA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE LINGUAGENS NA LUSOFONIA

São Francisco do Conde (BA) | vol.1, nº 1 | p.162-174 | jan./jun. 2025.

- CUMMINS, J. **Language, Power and Pedagogy:** bilingual children in the crossfire. Clevedon: Multilingual Matters, 2000.
- FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, M. H. de (Org.). **Variação linguística:** perspectiva dialectológica. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, p. 15-40, 1996.
- FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, M. H. de (Org.). **Linguística e variação social.** São Paulo: Editora Ática, p. 45-67, 1996.
- MINEDH. **Plano Curricular do Ensino Básico.** Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, Maputo-Moçambique, 2015.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO (MINEDH). **Plano Curricular do Ensino Básico.** Maputo: MINEDH, 2015.
- NGUNGA, A. **Línguas moçambicanas e o sistema educativo:** desafios e perspectivas. Maputo: INDE, 2006.
- NGUNGA, M. A valorização das línguas bantu no sistema educativo moçambicano. **Revista Africana de Linguística**, vol.8, nº1, p.67-80, 2006.
- NGUNGA, M. **Valorização das línguas nacionais no sistema educativo moçambicano.** Maputo: Ed. Acadêmica, 2006.
- PATEL, S.; MAJUISSE, A.; TEMBE, F. **Manual de Línguas Moçambicanas:** Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos. Maputo: Associação Progresso, 2018. Revisão: março de 2019.
- PATEL, R.; MAJUISSE, A.; TEMBE, F. Multilingual education and linguistic diversity in Mozambique. **African Journal of Applied Linguistics**, vol. 10, nº 1, p. 12-27, 2018.
- SIMÃO, F. "Diversidade linguística e educação em Moçambique." **Revista de Educação Africana**, vol. 1, nº 1, p. 15-34, 2022.

Para citar este artigo: GUILERME, Marcelino dos Santos. Importância de ensino e aprendizagem das línguas bantu: um olhar das línguas moçambicanas nas classes iniciais. **AXÉUNILAB:** Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.151-174, jan./jun.2025. (Editores: Abias Alberto Catito -UEFS & Maurício Bernardo -UEFS **Coordenação: Alexandre António Timbane)

Marcelino dos Santos Guilherme, natural de Napai, distrito de Montepuez, província de Cabo Delgado, Moçambique, nasceu a 3 de março de 1982. Filho de Guilherme Nunes e de Maria Rosália Laide. Iniciou sua carreira docente no distrito do Ibo, posteriormente, licenciou-se em Ensino de Língua Inglesa pela UP-Universidade Pedagógica Delegação de Nampula, entre os anos 2012 a 2016. Actualmente, formador das disciplinas de línguas moçambicanas e sua estrutura e Métodos de Estudo, no Instituto de Formação de Professores Alberto Joaquim Chipande e mestrando em Linguística Bantu no Instituto Superior de Recursos Naturais e Ambiente - Moçambique. E-mail: guilhermemarcelino9@gmail.com.